


* Doutora em Teologia Sistemática. Faz parte da Rede brasileira de teólogas. Professora da PUC/RJ até 2022 atuando nas disciplinas de Ética Cristã, Departamento de Teologia. Esteve na Equipe Teológica da CRB Nacional (ERT), Equipe de Teólogos de Assesores da Presidência (ETAP) e da Confederação Latino-Americano e Caribenho dos Religiosos (CLAR).

Email: buckerpataro@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0006-8831-2560>

Recebido em 26/07/2023

Aprovado em 07/10/2023

IMPLICAÇÕES DA SORORIDADE NA SINODALIDADE

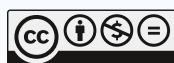
IMPLICATIONS OF SORORITY IN SYNODALITY

*Bárbara P. Bucker**

Resumo: Este artigo explora a interseção da sinodalidade e sororidade na vida religiosa feminina, destacando a importância de reconhecer as distintas experiências e perspectivas das mulheres. A reflexão parte da compreensão de que modos históricos de interpretação ainda permeiam o inconsciente coletivo, dificultando a legitimidade de vivências específicas das mulheres. Abordando a necessidade de ampliar horizontes na busca por sentido na vida, o texto destaca a sinodalidade como uma oportunidade para investir no presente, alinhando-se com o chamado à comunhão e ao discernimento. Cada pessoa deste projeto com suas lideranças é desafiada a ser portadora da esperança, revelando “rostos de luz” no caminho a ser percorrido na sinodalidade. Se questiona se a sinodalidade incluirá a sororidade, argumentando que a linguagem e atitudes devem refletir uma mudança essencial no pensamento, promovendo uma semântica inclusiva. Destaca-se a importância da sororidade como o feminino da fraternidade, demandando uma compreensão distinta da experiência feminina. O artigo destaca a necessidade de redescobrir e valorizar a Igreja como uma “casa inclusiva”, enfatizando a importância da partilha e do reconhecimento mútuo. A autora propõe um caminho de retorno à autenticidade e simplicidade, afastando-se de estruturas clericalistas e patriarcais. Além disso, o texto explora a ideia de “viver em casa sem se sentir em casa”, citando o Papa Francisco, e destaca a importância da comensalidade como um elemento fundamental na construção de comunidades autênticas. O resumo conclui ressaltando a necessidade de abraçar a vulnerabilidade, reconhecendo que a transformação e a verdadeira felicidade surgem da autenticidade e da aceitação mútua. A sororidade na sinodalidade é apresentada como uma dimensão profunda no aprendizado mútuo, promovendo a igual dignidade entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Sinodalidade. Sororidade. Vida Religiosa Feminina. Comensalidade. Comunhão. Linguagem Inclusiva.

Abstract: This article explores the intersection of synodality and sisterhood in women's religious life, highlighting the importance of recognizing women's distinct experiences and perspectives. The reflection is based on the understanding that historical modes of interpretation still permeate the collective unconscious, hindering the legitimacy of women's specific experiences. Addressing the need to broaden horizons in the search for meaning in life, the text highlights synodality as an opportunity to



invest in the present, aligning with the call to communion and discernment. Each person in this project with their leaders is challenged to be a bearer of hope, revealing “faces of light” on the path to be followed in synodality. It is questioned whether synodality will include sisterhood, arguing that language and attitudes must reflect an essential change in thinking, promoting an inclusive semantics. The importance of sorority as the feminine of fraternity stands out, demanding a distinct understanding of the female experience. The article highlights the need to rediscover and value the Church as an “inclusive home”, emphasizing the importance of sharing and mutual recognition. The author proposes a path to return to authenticity and simplicity, moving away from clerical and patriarchal structures. Furthermore, the text explores the idea of “living at home without feeling at home”, citing Pope Francis, and highlights the importance of commensality as a fundamental element in building authentic communities. The summary concludes by highlighting the need to embrace vulnerability, recognizing that transformation and true happiness arise from authenticity and mutual acceptance. Sisterhood in synodality is presented as a profound dimension in mutual learning, promoting equal dignity between men and women.

Keywords: Synodality. Sorority. Female Religious Life. Commensality. Communion. Inclusive Language.

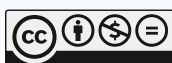
INTRODUÇÃO

Distinção necessária na formulação do tema para a compreensão de uma vida vivida e tecida majoritariamente por mulheres, não só pelo que caracteriza modos distintos de ser e de se relacionar, mas porque, historicamente ainda permanece no inconsciente coletivo, muitos modos de compreensões que inviabilizam o possível e viável, dificultando no constituído como legítimo, o que faz parte somente de uma parte da humanidade.

Em geral como seres humanos, somos todos “chamados a buscar horizontes cada vez mais amplos”, e a explorar novos caminhos de sentido para a vida, e não só o de se contentar em reciclar a própria vida dentro de um projeto para fazê-lo valer como sobrevivência a todo custo, uma vez que o ‘Projeto de vida religiosa consagrada’ se caracteriza como um estilo de ser e expressar a fé cristã na Igreja, e sua subsistência não pode consistir em manter uma aparência de perseverança.

Mais ou menos assim, expressou-se recentemente uma das lideranças da vida religiosa, concluindo uns dias de reflexão que teve como lema: “**rostos de luz**”, que me inspirou para esta reflexão fazendo emergir a lembrança da vocação de Israel na História da Salvação, e o modo como Jesus Cristo, o “Servo de Deus”, foi sustentado e escolhido para ser a concretização de uma promessa de seguir existindo na história, através de seus seguidores, um presente da presença amorosa e comprometida de Deus, Pai Maternal para todos os seus filhos e filhas (cf. Is 42,1).

Vivemos em um contexto de globalização, e já não podemos deduzir que existe muita divergência no modo de coexistência caracterizado por variadas culturas em uma geografia extensiva, uma



vez que tudo está *'interligado'* em correspondência do humano a ser conquistado, apreendido e desenvolvido.

O Sínodo da Sinodalidade é ocasião propícia para se investir no *'agora'* como melhor momento de tornar realidade o *profetismo dos sábios e experientes* no caminho do *'discernimento'*, para se viver de mãos dadas com os profetas da Tradição Bíblica, de modo que a *sabedoria* e o *profetismo* possam coexistir como forma de comunhão à serviço ao bem comum, e no processo de tecer uma *'nova humanidade'* em eixos de identidades que ao longo dos séculos se buscou constituir como expressão da essência da vida religiosa na Igreja.

Deste modo é que, a afirmação de que *"Quem não antecipa o futuro, não encontrará seu lugar"*, emerge como exigência e urgência de que sejam as mulheres da vida religiosa, neste tempo propício da história, as interlocutoras da esperança, na medida em que deixem transparecer em seus rostos reais, *"a luz daquele que as iluminam"*, e sejam elas com suas próprias vidas, estes *"rostos de luz"* na sinodalidade da comunhão, e no percurso de não medir esforços na colaboração e aprendizado do humano.

O dever de armar-se de coragem para apontar com a lucidez de suas vidas, a verdade e o amor existente nas dificuldades, perdendo o pudor de dar nomes aos conflitos nos diálogos, mas sem deixar de lado a cumplicidade de colaboração como modo certo de reconhecer as luzes ocultas nos rostos sem brilho dos encontros humanos de muitos seres no caminho do seguimento de Jesus Cristo.

Em última instância, viver este projeto de vida religiosa, na aquisição de uma identidade humana, espiritual e carismática como resposta específica de identificação e personalização para com o *"modelo de referência"* que é Jesus Cristo, o Filho de Deus, presente que se faz presença na missão de *"fazer irmãos"*, tecendo a irmandade de todos filhos e filhas de Abbá.

SURGE UMA PERGUNTA: A SINODALIDADE INCLUIRÁ A SORORIDADE?

Faz-se necessário, como trabalhou a teóloga Elisabeth A. Johnson em seu livro *"Aquele que é"* (JOHNSON, 1995), que se harmonize os ouvidos para uma semântica inclusiva, que haja expressões de linguagens e atitudes, que façam valer no singular e no plural das existências, uma verdadeira mudança essencial do pensamento como realidade de conversão, crescendo em humanidade para participar de uma sinodalidade corresponsável, e de poder se revisar, todos, como seres humanos.

Sororidade é palavra equivalente ao feminino da fraternidade, termo ainda muito estranho no vocabulário comum de muitas comunicações oficiais dentro e fora do contexto comunicacional dos seres humanos; e uma das razões para que não se considere importante incluí-la, é que o termo mais usado *'fraternidade'*, foi cunhado culturalmente como o que inclui homens e mulheres.

Mesmo assim, é importante a compreensão do termo já que o encontramos em vários idiomas: latim-*sororitas*, inglês-*sorority*, francês-*sororité*, espanhol-*sororidad*, português-*sororidade*, fazendo vir à luz em seu conteúdo de significado e sentido próprio, que é diferente da que é mais usual *'fraternidade'*, e que por isso acaba por ser excludente. As mulheres de fato, são portadoras de uma experiência, uma perspectiva, uma dignidade, um olhar que não pode ser subentendido, inclusa ou resolvida de um ponto de vista masculino considerado superior e inclusivo. As mulheres e as irmãs devem ser nomeadas e não subentendidas nos homens e nos irmãos, daí que a sororidade deve ser explicitamente dita e não absorvida na *'fraternidade'* (FRIGÉRIO, 2021).

Por isso, é que afirma Tea Frigerio (2021), que a correção linguística de considerar a igual dignidade entre homens e mulheres também deve ser afirmada no nível linguístico. Seria hoje anacrônico usar os termos fraternidade - irmãos, ignorando ou desconsiderando os termos sororidade - irmãs.

Sororidade não é um duplo de fraternidade nem uma coqueteria feminista, motivada pela vontade de explicitar agora tudo pelo feminino. O termo explicita o desejo de aderir na concretude da existência, o que é real em suas vidas, sabendo que as mulheres não são de forma alguma homologáveis aos homens e que a diferença entre elas também marca a esfera existencial de suas vidas no âmbito emocional e espiritual como modo de se concretizar a sinodalidade deste caminho eclesial (FRIGÉRIO, 2021).

O que pressupõe um longo aprendizado para uma Igreja de irmãs e irmãos em Cristo, onde a sororidade somada com a fraternidade cheguem a se constituírem uma dimensão profunda no mútuo aprendizado da sinodalidade, já que a sororidade constitui um estilo de relações entre as pessoas que fazem parte do humano como Povo de Deus, e entre estas, a de toda a família humana. Mas, infelizmente '*sororidade*' fica completamente ausente nos discursos e documentos, nos quais somente a fraternidade padece de uma inflação desgastada na eficácia do simbólico que não consegue se fazer perceptível no concreto de inúmeras vivências.

Faz-se necessário redescobrir e valorizar a Igreja na dimensão de '*casa inclusiva*' tanto de mulheres, como de homens, jovens, crianças, adultos, de todos de boa vontade, etc. Redescobrir a Igreja doméstica de Atos 2,46 que diz: "Diariamente, todos juntos frequentavam o Templo e nas casas partilhavam o pão, comendo com alegria e simplicidade de coração"; *partilha* como sinal desta nova identidade sinodal, onde não se deixa de *ensinar* e de *anunciar* a Boa Notícia de Jesus Messias, recurso para desenhar uma outra face da Igreja como '*casa*' na crise que atravessam nossas comunidades, dentro das quais mais do que irmãos/irmãs somos estranhos e nos encontramos em uma atmosfera dos anônimos e desconhecidos.

É nas casas que nascem as comunidades cristãs. É na casa que Jesus celebra a sua Páscoa. É a *eklesia* que se reúne nas casas que as discípulas e os discípulos do Crucificado Ressuscitado se reconhecem, uns aos outros, umas às outras, como frates (irmãos) e soros (irmãs), membros da família de Deus. É na casa que a Divina Ruah irrompe como vento impetuoso sobre todos, homens e mulheres dando origem à Igreja, família universal reunida.

A mesma Ruah Inovadora como ativa criatividade nos desafia a experimentar, ousar novas formas de ser Igreja, diversamente ligadas ao território, ousando linguagem nova e antiga, voltando a ser *Laos*, povo laical, povo de Deus. Novas células, reais lugares do acontecimento eclesial, espaços alternativos das formas existentes, não para deixá-las como são, mas para promover uma transformação radical e quem sabe substituí-las, uma vez adquiridas autoridade e competência.

É a "*Presença*" da Divina Ruah que fortalece a consciência profunda de que só começando desde a simplicidade de existir, com gestos e atitudes que nasçam da vida, na transparência do que se é, e no despojamento pobre de uma casa que acolhe e partilha, poderemos voltar a ser um sinal de respeito e de atenção. Mas para que isso aconteça, é necessário excluir definitivamente toda forma de clericalismo, toda forma de patriarcalismo, toda hierarcolgia indevida. É necessário apropriar-se do conteúdo da boa nova para devolver aos pobres, abrir-se à fraternidade e sororidade universal sem a pretensão de seres superiores e abandonando toda espécie de discriminação.

Chegar a ser apenas comunidades laicais no sentido original do termo, em plena reciprocidade entre homens e mulheres, incluindo carismas e ministérios, para poder recriar na Igreja do presente e do futuro o que é próprio do Evangelho.

O FRÁGIL DE MANTER A APARÊNCIA É: “VIVER EM CASA SEM SE SENTIR EM CASA”

Tema de reflexão do Papa Francisco em uma de suas alocações de 14 de março de 2020: “Viver em casa sem se sentir em casa”, e que lembra o episódio de um sacerdote idoso e sábio, um grande confessor, um missionário, homem que amava tanto a Igreja, falando com um sacerdote jovem, que era muito seguro de si mesmo, muito crente... que se julgava valoroso e que tinha direitos na Igreja. Então, o idoso disse-lhe: “Rezo por isto, para que o Senhor lhe coloque uma casca de banana no caminho e o faça escorregar, isto far-lhe-á bem”. Como se dissesse, embora pareça blasfêmia: “Far-lhe-á bem pecar, porque depois deverá pedir perdão e assim encontrará Deus como Pai Maternal, misericordioso e compassivo”.

Esta parábola expressa algumas das vivências do Senhor, em resposta aos que o criticavam por andar com os pecadores; e outras tantas vivências dos que também hoje como pessoas da Igreja, sofrem a crítica, porque ousam aproximar-se de pessoas diferentes e necessitadas de uma nova humanidade, de pessoas humilhadas por situações que degradam sua dignidade, que trabalham e não são valorizadas, e até daquelas que trabalham para nós. Este é um tempo privilegiado para buscar entender qual é o ‘problema de se viver em casa sem se sentir em casa’, porque não há relação de filiação e sororidade, apenas existe a relação de companheirismos e de trabalho, respondendo às exigências normativas da ordem estabelecida de um estilo de vida que falta alma.

E, ainda pra compreender a Igreja em atmosfera sinodal, e sua extensão no âmbito dos aprendizados relacionais de comunidades religiosas como “casa”, recordo um escrito de Leonardo Boff que fala da comensalidade como caminho de refazer a humanidade (BOFF, 2008). Comensalidade que significa comer e beber ao redor da mesma mesa, uma das referências mais ancestrais da familiaridade humana, pois nela se fazem e refazem continuamente as relações que sustentam o viver e o conviver.

E segue explicitando: a mesa, mais que um móvel, remete-nos a uma experiência existencial e a um rito. É o lugar privilegiado dos elos da família, da comunhão e da irmandade. Nela partilha-se o alimento e com ele comunica-se o que se é, e a alegria de encontrar-se, o bem-estar sem disfarces, a comunhão direta que se traduz nos comentários sem cerimônia dos fatos cotidianos, nas opiniões sem censura dos acontecimentos.

Os alimentos são mais que coisas materiais, e nos remetem à qualidade e profundidade da troca que sai da trivialidade dos assuntos que faltam propósito, são sacramentos de encontro e de comunhão. O alimento é apreciado e é objeto de comentários, constituindo a maior alegria quando se nota a satisfação de quem consome o que chega à mesa através dos que dela participam e partilham a vida como é percebida.

Mas, também é importante reconhecer que a mesa pode ser lugar de tensões e conflitos, onde as coisas se discutem abertamente, explicitam-se as diferenças e podem estabelecer-se acordos, onde existem também silêncios que podem ser perturbadores e que revelam o mal estar coletivo. A cultura contemporânea modificou de tal forma a lógica do tempo cotidiano em função do trabalho e da produtividade que enfraqueceu a referência simbólica da mesa, ficando reservada para os domingos, ou para os momentos especiais de festa e aniversário, apelo para a sororidade em sua capacidade de aglutinação dos elementos.

Afirma L. Boff (2008) que a comensalidade é tão central que está ligada à própria essência do ser humano enquanto humano. A especificidade do ser humano surgiu de

forma misteriosa e de difícil reconstrução histórica. No entanto, etnobiólogos e arqueólogos chamam nossa atenção sobre um fato singular: quando nossos antepassados antropoides saíam a recoletar frutos, sementes, caça e peixes, não comiam individualmente o que conseguiam reunir, eles tomavam os alimentos e os levavam ao grupo, e praticando a comensalidade distribuíam os alimentos entre eles que os comiam comunitariamente.

Deste modo, a comensalidade, que supõe a solidariedade e a cooperação mútua, permitiu o primeiro salto da animalidade em direção à humanidade. Foi só um primeiro passo, mas decisivo, porque lhe coube inaugurar a característica básica da espécie humana: a comensalidade, a solidariedade e a cooperação no ato de comer.

Essa comensalidade que ontem nos fez humanos, e continua ainda hoje fazendo-nos sempre de novo humanos, solicita e faz o apelo de reservar tempo para o encontro, de modo que a 'mesa' em seu sentido pleno de significado nas variadas trocas, e na construção de vínculos de pertença, seja uma das fontes permanentes de renovação da humanidade hoje globalmente anêmica de vínculos.

CONSIDERAÇÕES PARA COMPREENDER ALGUMAS IMPLICAÇÕES DA SORORIDADE NA SINODALIDADE COM ROSTOS DE LUZ

1. A luz do equilíbrio, que pode ajudar no aprendizado de integração das tensões, para mostrar ainda mais o núcleo íntimo, maduro e sereno da vida em processo de integração. Ideal que se persegue nos variados modos de vida, e que dentro da vida religiosa feminina requer uma tomada de decisão saindo do negativismo dos esquemas normativos da jurisdição, que proíbe e suscita suspeita, e muitas máscaras, ao invés da transparência gratuita das vinculações.

Fazendo memória do papel da máscara - "*Prosophon*" - que no teatro... os atores representavam distintos papéis... costumava-se cobrir os rostos com máscaras; a máscara neste contexto constitui tudo aquilo que oculta a verdadeira forma de ser, tanto para os demais como para si mesmo, conjunto de autoenganos, justificações, mentiras, que se diz ao próprio ser e aos demais, para não se ver a realidade, porque custa mostrar a realidade do que se é com simplicidade, preferindo ocultar com uma determinada aparência, tomando o caminho mais fácil para o conformismo e mentindo para si mesmo. Neste contexto, a vida religiosa feminina é convidada pela sinodalidade sororal a viver uma transformação profunda, de dentro para fora, e de recordar que a vida é um processo. A tarefa e responsabilidade que se apresentam é a de descobrir no caminho, e de afrontar acompanhada, todos os medos e incertezas que nos habitam, "trazê-las à luz, colocá-las de frente e nomeá-las".

A fidelidade e a felicidade só poderá ser real e fazer-se vida, se nos animamos a cultivar uma honestidade e sinceridade profunda em primeiro lugar conosco mesma; já que na origem da consagração está o amor, e não a disciplina. Em muito suprimimos a falta de amor com o voluntarismo da busca de perfeição radicada no dever, e hoje para a vida religiosa em geral, o caminho de volta não são os projetos organizativos, mas o de *propiciar espaços de trocas de experiências* para que desde a sororidade nós possamos olhar no espelho do amor mútuo.

A máscara, surge também porque não queremos ver a realidade das coisas, custa mostrar a realidade do que somos, com simplicidade, e a ocultamos com uma aparência para ser aceita e considerada. Os seres humanos são frágeis diante da majestade da vida e dos seus acontecimentos. Muitas vezes sucedem situações que são produto de nossa responsabilidade, mas que não queremos enfrentar, e deste modo, tomamos o caminho mais fácil e mentimos para nós mesmas.

Podemos dentro desse contexto perguntar-nos: Qual poderia ser a tarefa que temos daqui por diante? Que convite profundo percebemos que nos faz Deus para nossa humanidade consagrada?

Creio que o caminho de abraçar a própria vulnerabilidade; amar a própria vida tal como é, e não como gostaríamos que fosse; mover-se rumo a uma transformação profunda, de dentro para fora, tendo presente que a vida é um processo, e que nada sucede de um momento para o outro, inclusive a transformação não é a resolução acabada dos problemas. As tarefas e responsabilidades que se apresentam para a vida religiosa feminina, são as de nos descobrirmos no caminho, e a de nos encorajarmos no confronto de reconhecermos-nos enfrentando de mãos dadas com Jesus, todos os medos e incertezas que nos habitam, “fazendo vir à luz, e colocar-nos de frente, nomeando o que ocorre e vislumbrando o passo seguinte.

Qualquer caminho de empatia, de proximidade e de sinodalidade que queiramos fazer com os demais, motivará para abraçar nossa vulnerabilidade, porque sabemos que: quando nos sabemos fracas, então somos fortes (2Cor 12,10); que as últimas serão as que vão ‘primeriar’ (Mt 20,16); e que, as que queiram economizar e proteger sua vida, a perderão e as que decidirem ‘perder’ a sua vida à causa de Jesus Cristo, a encontrarão (Mt 16,25).

O abraço de nossa vulnerabilidade permitirá: crer com humildade; entrar em contato com nosso potencial criativo; curar e transformar nosso coração; viver uma mística profunda; recuperar a sensibilidade e viver com sentido; renovar o primeiro amor e viver enamoradas; crescer em pertença; amar e atualizar o carisma, que descansa na plena consciência de saber-nos escritas no coração de Deus, único que evoca o significado do verdadeiro amor, original e livre sem prestação de contas a pagar e de respostas a serem dadas, porque se nos exige, trata-se de um modo de amor incondicional. Não é necessário fazer nada para ser amada, mas decidir fazer tudo, porque somos amadas; e deste modo, aceitar que somos constituídas para a interrelação sinodal.

Recordar-nos mutuamente que na origem da consagração está o amor, não a disciplina nem o voluntarismo. Hoje, é hora de diagnosticar e propor caminhos de volta à felicidade nos conscientizando que temos demasiadas ferramentas; muitos ‘egos’, porque justamente se silenciou, ou se fez o vazio para a experiência do amor, e o caminho de volta é o de olharmo-nos no espelho do amor (DÍEZ, 2021, p.59-60). Assim, o “rosto de luz” irá emergindo desde o interior libertando a aparência de um modelo assimilado de existência e cultuado culturalmente, mas pleno de alma que evidencia a verdade de cada qual no espaço e tempo.

2. A luz que vem dos outros, que faz com que o outro/outra se converta em um referencial, tanto quando ‘escurece’ ou dói, porque os processos são distintos, como quando animam e estão dando apoio, porque os outros também nos realizam, nos confirmam e nos fazem perceber que existimos. Fazem parte de nosso recorrido vital e nos devolvem a paixão de compreender a aventura humana como uma aventura sagrada. Os outros e suas aventuras animam a beber mais desde o sumo do ramo maduro na busca de existir com sentido e, sobretudo, concedendo-nos a graça da confirmação de que não acedemos ao projeto de seguimento de Jesus, projetando interesses do inconsciente necessitado e carente de reconhecimento.

Nascemos constitutivamente humanos, e nosso modo de ser humanos é ir sendo junto aos demais, e no atuar podemos reconhecer se vamos nos humanizando ou desumanizando. Também somos seres culturais, e temos modos de nos relacionar conosco mesmas, com os demais, com a criação e com o Outro que nos distingue e nos dá identidade própria. Fala-nos Juvenal Arduini que para compreender o ser humano, exige-

se ginga inteligente (ARDUINI, 2002). Nos diz com propriedade, que o ser humano se desata no olhar, no sorriso, no semblante acolhedor, no aceno sororal e fraterno. Desata-se nas emoções, no amor, na alegria, na expansividade, na irreverência, na cólera, desata-se na criatividade, na estética, na esperança, na utopia, na audácia, nas buscas, e nos avanços.

Quem não se desata interna-se na solidão para proteger a opacidade existencial. Quem não se desata cria presídios psicológicos, confina-se no egocentrismo fechado e condena-se a ser monólogo. Torna-se estranho a si mesmo, traumatiza-se e se machuca na interioridade do existir. E, a existência que não se desata, torna-se existência engasgada, asfixiada por falta de oxigenação solidária. Desatar-se é ventilar-se, é romper cercos, é liberar a voz abafada e emancipar a consciência cativa.

Querer a sororidade na sinodalidade inclui a dimensão solidária, que é capaz de ser para alguém no singular e plural das inúmeras convivências, esquecer-se para amar e expressar-se beneficiando quem necessita. Amar sem cobrar amor. Ninguém se basta a si mesmo, ninguém vive sem os outros nem é possível realizar-se sozinho, daí a importância da reciprocidade, porque o amor acorrentado leva à loucura e à derrota. A reciprocidade da sororidade na sinodalidade é vital para o enriquecimento mútuo da vida eclesial e religiosa ao estilo do que estamos tratando.

A gestação desse “rosto de luz” vem também dos outros como referente, tanto quando sentimos a dor que escurece o horizonte de nossa compreensão, como quando nos anima e está ao nosso lado, porque os outros são presentes ofertado nas vivências cotidianas que podem sim nos fazer perceber que somos parte de um universo de direito para os demais, formamos parte de nosso recorrido vital que nos devolve a paixão de compreender a aventura humana como uma aventura que se torna sagrada no reconhecimento da dignidade do outro, e que este outro existe como espelho que nos reflete através de suas reações.

O caminho sagrado que as pessoas forem tecendo, ofertando o mistério de Deus através de suas vidas, se expressa desta maneira; a de poder contar com os outros para realizar-nos, eixo daquilo que de forma profética a vida religiosa consagrada mantém como constitutivo em seu modo relacional de existir. Os outros e suas aventuras nos animam a beber mais desde o âmago da experiência amadurecida, para forjar “rostos de luz” na vida nas relações que estabelecemos em casa.

3. “A luz de nosso olhar”, em um “tríplice olhar sinodal”, formada pelo olhar ecológico, com tudo o que exige para o momento presente, e que nos permite ser mais suscetíveis no contexto atual de mudanças aceleradas e diversas, permeadas pelos efeitos da pandemia que em alguns aspectos nos paralisaram, e em outros nos revelaram novas possibilidades e modos de relação. Tendo como pano de fundo, o temor e a ameaça permanente da guerra que revela as tensões que vivem as nações em diversas partes do mundo, a crise ecológica que nos preocupa, as mudanças de paradigma, e os avanços tecnológicos e as consequências de tudo isso.

É dentro deste contexto, que somos convidadas a construir uma Igreja Sinodal e uma vida religiosa em sinodalidade, que se aproximam mais ao sonho do reinado de Deus que nos comunicou Jesus; o olhar feminino em voz de mulher que se integra plenamente no conjunto da vida consagrada, daquela que contribui cuidando com o modo que lhe é próprio em ternura, tato e delicadeza. Mas, também com paciência e valentia profética de se ausentar do flagelo das competições e comparações invejosas que sugam as energias favoráveis da cumplicidade na vida religiosa feminina.

Aproximando-nos deste modo, o nosso olhar para aqueles que estão à margem do mundo, e que nos descoloca e nos situa de outra maneira na hora de configurar nosso

modo de vida. Reconhecendo com gratidão o que se recebe de cada uma dessas pessoas de respeito e confiança, pelo fato de procurarmos aprender o que cada uma delas tem a nos revelar do seu potencial de luta e superação dos obstáculos em sua vida, e assim colocar-nos em disposição de vincular-nos às suas forças de superação. Luz que nos mostra a beleza de Deus, porque o belo do rosto de Deus sempre será o de seu Filho Unigênito que transparece nos demais que nos são confiados.

A luz de nossos modos de olhar, é o que irá configurando nosso próprio “rosto de luz”, ao fixar com coragem nossos olhares, mantendo este tríptico olhar sinodal, e desde aí perceber melhor os ‘sinais dos tempos’. O olhar ecológico, com tudo o que esse olhar exige no momento presente, e que nos faz mais suscetíveis. O olhar feminino na voz de mulher que se integra plenamente no conjunto da vida consagrada, e que contribui com a audácia necessária. E, o olhar daqueles que foram colocados à margem do mundo, e que é duro encarar, porque dói sua carência e necessidade também em nós, e sem desviar o olhar, ou preferir fixar em realidades menos dolorosas.

4. A luz de estarmos dispostas para chegar nos limites de nossos carismas. Não somos só o que fazemos, e temos que cuidar ainda mais das pessoas vivendo a cotidianidade da acolhida. Queremos ser pessoas de esperança, testemunhas do Evangelho na medida em que deixemos transparecer nossos ‘rostos de luz’, e isto exige constância no exercício de atenção à fecundidade da graça, que opera esse dinamismo no profundo daquilo que desejamos. A esperança não se improvisa, mas vai amadurecendo nas tensões da vida e nos desafios do momento presente de cada uma.

Chamadas a seguir a Jesus Cristo com esperança nos propomos a ‘despertar o mundo’ e iluminar o futuro. O Papa Francisco nos recorda que, o que Deus nos pede é a saída do ninho das seguranças do saber, para aprender, e que nos permitamos ser enviadas às fronteiras do mundo onde a vida é novidade e surpresa do inédito que revela o que de Deus nos pertence.

Este é o desafio de uma vocação que cada uma de nós oferece ao próprio Jesus Cristo, como experiência e resposta dinâmica às perguntas pela fidelidade a ser comungada. Em cada situação de escuta renovada através do convite de ‘iluminar a vida’, ‘acolher a luz’, e ‘agradecer o caminho’ em dinâmica permanente de renovação, se faz duradoura e ativa no tempo ‘cronos’, o que é sustentado pelo tempo de Deus ‘kairós’, como Senhor da História, iniciada por pessoas que acreditaram no amanhã de sua realidade, tecida em cada família religiosa e sinalizando um específico do dom da Ruah na Igreja, que chamamos dom carismático.

Há um valor de sabedoria nos carismas para fazer sustentável a vida que se identifica nos traços proféticos que o momento histórico deixa entrever em cada Congregação, o que anima a vida para a missão. Essa luz mostra-nos a beleza de Deus, porque o ‘rosto de Deus é belo, e por isso devemos atrever-nos a tocar a beleza de Deus no rosto dos demais.

A modo de conclusão, finalizo fazendo referência ao lema da Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR) que oferece o ícone das “mulheres com ousada esperança no despontar da aurora”, porque se trata de tecer o caminho de abraçar nossa vulnerabilidade, movidas pela esperança no ressuscitado.

A ousadia que conhecemos vem de mãos dadas com a coragem do coração. A vida consagrada feminina tem coração e não precisa esconder, pois com o coração e com os pés no seguimento de Jesus Cristo, queremos ser tomadas pela nossa vulnerabilidade para que a sua misericórdia e compaixão, nos ajudem no processo de integração para estar e viver mais conectadas com nossa humanidade, e com o clamor dos mais necessitados de nosso amor e amizade, e os gritos da ‘casa comum’. A fidelidade e a felicidade só vamos viver, se

nos animamos a cultivar a honestidade e sinceridade profunda conosco mesmas para transluzir em nossos rostos a verdade da luz que nos habita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARDUINI, Juvenal. *Antropologia: Ousar Para Reinventar a Humanidade*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. Comensalidad: rehacer la humanidad. 18 abr. 2008. Servicios Koinonia. Disponível em: <https://www.servicioskoinonia.org/boff/articulo.php?num=272>. Acesso em: 26 de setembro de 2023.
- DÍEZ, Luis Alberto Gonzalo. *¡Crucemos a la otra orilla!* El diálogo y el cambio de la vida consagrada. Madrid: Perpetuo Socorro, 2021.
- FRIGÉRIO, Tea. A Sinodalidade incluirá a Sororidade? 27 nov. 2021. *Portal das CEBs*. Disponível em: <https://portaldascebs.org.br/a-sinodalidade-incluire-a-sororidade/>. Acesso em: 30 de agosto de 2023.
- JOHNSON, Elizabeth. *Aquela Que é: O Mistério de Deus no Trabalho Teológico Feminino*. Petrópolis: Vozes, 1995.